

LABORATÓRIO DE ENSINO DE HISTÓRIA (LEHIST/UFPI): ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO DOCENTE

Estella Rodrigues de Carvalho ¹
Ludmila dos Santos Gonçalves ²
Maria Lanilda Ribeiro Oliveiras ³
Carla Silvino de Oliveira ⁴

RESUMO

O trabalho a seguir apresenta e discute as ações do Laboratório de Ensino de História (LEHIST) no âmbito da formação do professor-pesquisador e sua relevância para o fortalecimento e divulgação da pesquisa na área de Ensino, especialmente na comunidade acadêmica da Universidade Federal do Piauí - Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (UFPI/CSHNB), local onde se encontra o seu núcleo. Para ressaltar a historicidade da universidade pública, o tripé ensino-pesquisa-extensão foi estabelecido pela Constituição Federal (1988), como princípio fundamental e indissociável. Dessa forma, o LEHIST reconhece a importância dessa indissociabilidade para formação docente e promove o diálogo entre o ensino e a pesquisa no campus da UFPI/CSHNB, sem deixar de fora a extensão, que se manifesta por meio de parcerias entre o Laboratório e os projetos de extensão *Cursinho Popular Pré-Enem Paulo Freire* e *Práxis Docentes e Necessidades Estudantis – PRADONES*, além das interações com as disciplinas de Estágios Obrigatórios do curso de licenciatura em História e o Núcleo de Pesquisa em Educação e Ensino-Aprendizagem em História (NUPEEAH), articulando assim, várias esferas da comunidade acadêmica. Como um projeto idealizado e executado por docentes e discentes da UFPI/CSHNB, o LEHIST inaugurado em 2010, mas que está em funcionamento contínuo desde 2014, totalizando mais de 10 (dez) anos de serviços prestados à comunidade acadêmica, nos quais atuou por meio da oferta de minicursos, oficinas, seminários e outras atividades de formação docente que serão analisadas no decorrer desta produção, a partir da análise dos depoimentos dos coordenadores, monitores e alunos que atuaram no LEHIST. Como aporte teórico para discutir o Ensino de História na perspectiva teórico-prática, utilizaremos os trabalhos de Bittencourt (2008), Fonseca (2003), Barca (2019) entre outros. Destaca-se também, a importância que o Laboratório de Ensino possui para a universidade, principalmente para os cursos de licenciatura, uma vez que projetos como este proporcionam ao público a formação e qualificação profissional, a partir das abordagens contemporâneas que dizem respeito à Educação como também oferecem oportunidades de engajamento na pesquisa na área do Ensino de História.

Palavras-chave: Educação; Ensino de História; Laboratório de Ensino; Formação docente.

INTRODUÇÃO

¹Graduanda do Curso de História da Universidade Federal do Piauí - UFPI, estella.carvalho@ufpi.edu.br;

²Graduanda do Curso de História da Universidade Federal do Piauí- UFPI, ludmila.goncalves@ufpi.edu.br;

³ Graduanda do Curso de História da Universidade Federal do Piauí - UFPI, maria.lanilda@ufpi.edu.br;

⁴ Professora orientadora: Doutora em História pela Universidade de São Paulo - USP, professora adjunta do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Piauí - UFPI, carlasilvino@ufpi.edu.br.

O Laboratório de Ensino de História (LEHIST) é um projeto concebido e desenvolvido por docentes e discentes do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (UFPI/CSHNB). Desde sua inauguração em 2010 e funcionamento contínuo a partir de 2014, o LEHIST tem contribuído para a formação acadêmica e profissional na área do ensino de História, oferecendo minicursos, oficinas, seminários e outras atividades de capacitação que serão detalhadas ao longo deste trabalho.

Este artigo tem como objetivo analisar e discutir as ações promovidas pelo LEHIST, ressaltando sua importância para a formação do professor-pesquisador e para o fortalecimento da pesquisa em Ensino de História dentro da comunidade acadêmica da UFPI/CSHNB. Buscamos evidenciar de que forma o laboratório tem promovido a interlocução entre os fundamentos teóricos e as práticas pedagógicas, fomentando a construção de saberes inovadores, críticos e comprometidos com a realidade educacional local e regional.

A escolha por abordar o LEHIST está ligada à necessidade de refletir sobre a relevância de espaços que articulem o ensino, a pesquisa e a extensão, reconhecendo esses três pilares como basilares na universidade pública brasileira. O princípio da indissociabilidade do tripé universitário foi consagrado pela Constituição Federal de 1988, que estabeleceu tais dimensões como partes integradas do fazer acadêmico, isto é, os três pilares constroem juntos a universidade, sendo eles complementares na formação acadêmica. O ensino oferece a transmissão e formação do conhecimento; a pesquisa produz e atualiza esse conhecimento; e a extensão traduz em ações sociais, fornecendo o diálogo da universidade com a sociedade.

No entanto, na prática, essa integração ainda enfrenta desafios que refletem uma fragmentação das funções universitárias, com o risco de comprometer o papel transformador da instituição. Nesse sentido, o LEHIST assume um papel de grande relevância ao buscar materializar a indissociabilidade proposta constitucionalmente, promovendo um ambiente onde o ensino se articula com a pesquisa e a extensão, fortalecendo o compromisso social da universidade e ampliando as possibilidades de formação crítica dos futuros educadores.

Assim, ao analisar as atividades desenvolvidas pelo LEHIST, pretende-se demonstrar como a articulação efetiva entre as três dimensões do tripé universitário pode fortalecer a formação docente, estimular a produção científica em ensino de História e promover a democratização do conhecimento histórico junto à comunidade acadêmica e

aos espaços escolares. Ao visualizar o laboratório como um espaço de diálogo entre teoria e prática, este artigo também pretende contribuir para a valorização do Ensino de História dentro dos cursos de licenciatura e apontar caminhos para a ampliação das ações integradas em outras instituições.

METODOLOGIA

A metodologia deste artigo foi construída a partir da análise das atividades desenvolvidas pelo Laboratório de Ensino de História (LEHIST) no âmbito da formação docente e da promoção do ensino, pesquisa e extensão na UFPI/CSHNB, contando com uma abordagem qualitativa de natureza descritiva. Nosso foco foi compreender o papel e a importância do laboratório por meio do estudo das ações realizadas ao longo dos anos, especialmente desde 2014, quando passou a atuar de maneira contínua.

Para isso, realizamos uma análise das atividades, programas de cursos, oficinas, seminários, eventos de extensão e materiais de divulgação do LEHIST. Esses documentos proporcionaram informações sobre as ações promovidas, as metodologias empregadas, os temas abordados e a participação da comunidade acadêmica em suas diferentes frentes.

Além disso, a análise foi enriquecida por referências bibliográficas que conceitualizam a relação entre ensino e pesquisa na formação docente do historiador, com autores como Bittencourt (2008), Fonseca (2003) e Barca (2019). Essas referências sustentam teoricamente a discussão do papel do laboratório na formação de professores-pesquisadores e na inovação metodológica no Ensino de História.

A partir desses elementos, realizou-se uma interpretação crítica e reflexiva, articulando as ações concretas do LEHIST com os referenciais teóricos, de modo a evidenciar sua contribuição para a formação de futuros docentes, para a pesquisa em Ensino de História e para a aproximação com a comunidade escolar. Este procedimento permite uma compreensão do impacto do laboratório, considerando suas estratégias de atuação e os resultados obtidos ao longo de uma década de atividades.

REFERENCIAL TEÓRICO

Desde a constituição da filosofia como a primeira forma sistemática de conhecimento, este passa a ser visto como uma qualidade importante e necessária, e a busca pelo saber se torna uma pauta constante, inclusive no âmbito das religiosidades. A

constituição de um imaginário composto por figuras divinas como Atena na mitologia grega, ou Minerva na mitologia romana, Thoth na mitologia egípcia, Odin na nórdica e Sarasvati na hindu traz à luz a relevância que se é dada, desde as civilizações do mundo antigo, à sabedoria, seja esta relacionada às artes e ciências, seja relacionada ao ocultismo e transcendental.

Na Grécia Antiga, por meio de escritos como a Alegoria da Caverna, Platão (1985) afirmava que o *logos*, ou razão, levaria o indivíduo ao conhecimento verdadeiro (o mundo inteligível), a compreender uma realidade que somente seria acessível através de um pensamento racional. A partir de debates feitos por intelectuais como este, o conhecimento passa a se relacionar diretamente com a razão, entendida como um aspecto fundamental no processo de acesso ao saber. Durante os séculos XVII e XVIII, o Iluminismo vem supervalorizar a ciência e, com ela, o pensamento racional, tido pela maioria dos pensadores como o centro da existência humana e o instrumento que guiaria a humanidade rumo à avanços científicos e tecnológicos e, consequentemente, ao progresso.

É nesse contexto que a universidade, uma instituição que, desde o período medieval, tinha como objetivo repassar saberes, conciliando a fé e a razão por meio de um modelo baseado no pensamento escolástico, passa por mudanças estruturais e conceituais. Com a diminuição da influência da Igreja na sociedade e o surgimento do método científico, visa a razão, a ciência e o progresso como pilares do conhecimento. Contudo, permanece firme no seu objetivo: atuar como guardião dos mais variados saberes.

Posteriormente, no decorrer dos séculos seguintes, a universidade passa, novamente, por mudanças, a fim de atender às necessidades do seu tempo, rompendo com a concepção desta instituição como apenas detentora do saber, que transmite conhecimentos prontos e acabados. Assim, novos modelos são propostos, como o humboldtiano (alemão), interessado em um diálogo entre o ensino e a pesquisa, e o norte-americano, que entendia a necessidade das universidades mostrarem a sua relevância social (De Souza, Janice Aparecida Janissek et al., 2013).

Então, as universidades brasileiras surgem no século XX, se inspirando em modelos como estes e - durante diversos debates - compreendendo essas instituições como um espaço de construção e desenvolvimento do saber, possuidoras de uma missão transformadora da sociedade. Com isso, a Constituição Federal de 1988 estabelece o tripé universitário ensino-pesquisa-extensão como princípio fundamental e indissociável das universidades brasileiras (Brasil, 1988).

A partir disso, entende-se a universidade como uma instituição que existe em um tempo e um espaço, inserida em uma sociedade e que, portanto, atue de maneira a construir um diálogo entre o conhecimento científico, acadêmico e a realidade na qual se encontra, visando formar profissionais engajados que contribuam para a sua comunidade. Logo, “podemos entender que o ensino universitário engloba não só a transmissão do conhecimento em sala de aula, mas a pesquisa, que pode ser pura ou aplicada, e a objetivação da pesquisa aplicada, através da extensão” (Sleutjes, 1999, p. 101).

Na prática, contudo, a tríade *ensino-pesquisa-extensão* frequentemente se desdobra em campos separados, resultando em uma fragmentação que compromete seu potencial transformador. A dissociação entre essas três esferas limita o alcance da universidade, reproduzindo hierarquias internas e reforçando a lógica produtivista que restringe sua função social. Segundo Severino (2007), esses pilares são indissociáveis, de maneira que um legitima o outro, tornando-os igualmente relevantes no que tange a função da universidade.

No entanto, o ensino, muitas vezes reduzido à transmissão de conteúdos, permanece apartado da pesquisa, que, por sua vez, é medida por critérios quantitativos de produtividade acadêmica. O distanciamento da extensão agrava esse quadro, tornando-a frequentemente marginalizada ou vista como uma atividade complementar. Essa cisão enfraquece o compromisso social da universidade e dificulta a construção de um conhecimento que dialogue com as demandas concretas da sociedade. Segundo Severino, é necessário:

Pensar um novo modelo de sociedade, nos três eixos das práticas humanas: do fazer, do poder e do saber, ou seja, levando a participação formativa dos universitários no mundo da produção, no mundo da política e no mundo da cultura. Só assim o conhecimento estará se colocando a serviço destas três dimensões mediadoras de nossa existência. E só assim a universidade estará cumprindo a sua missão (Severino, 2007, p. 36).

Nesse sentido, ao integrar essas três dimensões na formação dos estudantes, a universidade cumpre sua missão de forma plena, colocando o conhecimento a serviço da sociedade. Isso significa que o ensino superior não pode se limitar a formar profissionais para o mercado de trabalho; ele deve, sobretudo, promover uma educação crítica, que capacite os indivíduos para questionar e transformar a realidade em que vivem. Repensar essa estrutura exige não apenas a valorização da extensão como produção de conhecimento, mas também a superação da lógica produtivista que governa a pesquisa e o ensino, compreendendo esses elementos, não como estruturas isoladas, mas partes indissociáveis de um mesmo projeto emancipatório.

Mas, apesar dos esforços para evitar a dissociação do tripé universitário, ainda são diversas as problemáticas nesse campo, e, principalmente, no que diz respeito à pesquisa em ensino de História, que, apesar de sua relevância para a formação crítica e educacional, é frequentemente desvalorizada por fatores que atravessam o campo acadêmico. Existe uma hierarquização no campo historiográfico que privilegia a pesquisa dita “erudita” ou “pura”, focada na produção de conhecimento sobre o passado, em detrimento das investigações voltadas para os processos de ensino e aprendizagem. Essa situação coloca o ensino em uma posição subalterna, como se refletir sobre as práticas pedagógicas e os desafios da sala de aula fosse uma tarefa menor, desvinculada da produção científica “séria”.

Além disso, no contexto das universidades, projetos voltados para o ensino de história muitas vezes não são vistos como inovadores ou relevantes. Um exemplo disso está nos programas de pós-graduação que possuem o mestrado acadêmico, considerado o mestrado “sério”, e o mestrado educacional visto como um secundário. Sendo assim, em cenário nacional, o mestrado acadêmico acaba por não aceitar trabalhos que envolvam o ensino de história, desvalorizando-o dessa forma.

A própria natureza interdisciplinar da pesquisa em ensino de história, que dialoga com campos como a pedagogia, a psicologia educacional e a didática, é, por vezes, interpretada como um afastamento da “essência” do trabalho do historiador. Essa visão estreita e tradicionalista ignora que a pesquisa em ensino não apenas produz conhecimento sobre o processo educativo, mas também trata dos modos de se pensar e construir o saber histórico. Tal desvalorização, portanto, revela uma compreensão limitada sobre a função social do historiador e sobre as potencialidades transformadoras que a educação histórica possui.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos resultados deste relato, se faz necessário destacar o papel que o Laboratório de Ensino de História (LEHIST) desempenha na Universidade Federal do Piauí - CSHNB que, como sendo o único laboratório de ensino de história no estado, vem tendo destaque desde 2014, quando iniciou o seu trabalho de maneira contínua, ao promover diversas atividades voltadas ao ensino de História, a saber, minicursos, oficinas, rodas de conversas, cursos e diálogo com a comunidade acadêmica, assim como, desenvolvimento de pesquisas nessa mesma área.

Como coordenadores do Laboratório, estão a Professora Dra. Carla Silvino e o Professor Dr. Rafael Ricarte, além de discentes do curso de História da UFPI/CSHNB que são selecionados para atuarem como monitores durante o período de um ano, auxiliando na promoção de atividades que buscam mostrar a importância da realização de uma pesquisa em ensino de História.

O LEHIST por sua vez, conta com um variado acervo de materiais, como livros didáticos, trabalhos de conclusão de curso acerca da pesquisa em ensino de História, além de duas salas: uma área ideal para momentos de estudo, e uma sala de aula disponível para o bloco de história, através de reserva feita pelos docentes do curso. As atividades promovidas são diversas e voltadas para o aperfeiçoamento das práticas docentes. Entre elas, destacam-se as oficinas realizadas nos dias 10 e 17 de julho de 2023: “Utilização de fontes históricas em sala de aula”, “Produção de cartazes para o Ensino de História”, “A criação de micro conteúdo para o Ensino de História” e “A aula-oficina e o pensar historicamente: estratégias para o Ensino de História”. Tais formações visam aprimorar as metodologias utilizadas no ensino da disciplina, incentivando a inovação e o desenvolvimento de materiais didáticos.

No campo das discussões sobre políticas educacionais, o LEHIST organizou o minicurso “A Reforma do Novo Ensino Médio: o processo de recontextualização da legislação à realidade da escola pública”, realizado durante o VIII Encontro Estadual de História da Associação Nacional de História – Seção Piauí, entre os dias 20 e 23 de agosto de 2024, e também na XVI Semana de História e I Encontro de Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em História da UFPI/CSHNB. Esse debate visou proporcionar a compreensão dos desafios e impactos da reforma nas escolas públicas, oferecendo subsídios para a reflexão crítica sobre a educação no Brasil.

A diversificação das abordagens pedagógicas também é uma marca do LEHIST, como demonstra a oficina “Explorando o Pensamento Histórico através da Literatura de Harry Potter”, ministrada por Ângelo Almeida, ex-aluno do curso, professor de história e pesquisador em metodologias de ensino de História, que busca estratégias inovadoras para engajar os estudantes, tornando o ensino mais dinâmico e interessante aos alunos.

Além da oferta de oficinas e minicursos, o Laboratório desempenha um papel ativo na organização de eventos acadêmicos e culturais. Os monitores do LEHIST participaram da organização da III Mostra TEMPUS de Teatro – “Grupo Teatral TEMPUS: 10 anos de resiliência artística (2013-2023)”, promovida pelo projeto de extensão TEMPUS – Teatro Experimental Universitário em Estudos Históricos, realizada

de 5 a 7 de dezembro de 2023. Também estiveram envolvidos na XVI Semana de História e I Encontro de Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em História da UFPI/CSHNB, entre os dias 11 e 14 de novembro de 2024, fortalecendo a interlocução entre a pesquisa acadêmica e o ensino.

Outro eixo de atuação do laboratório é a disponibilização de materiais educativos e recursos didáticos, contribuindo para a democratização do acesso ao conhecimento. A catalogação e conservação do acervo garantem que estudantes e professores possam utilizar fontes diversificadas em suas práticas pedagógicas, beneficiando a formação de licenciandos e ampliando o alcance do ensino de História dentro e fora da universidade.

Dessa forma, o LEHIST reafirma seu compromisso com a qualificação da educação histórica, promovendo iniciativas que estimulam a reflexão crítica, a inovação metodológica e a aproximação entre a universidade e a comunidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio, o LEHIST consolida-se como referência estadual no ensino e pesquisa em História, reafirmando a importância do tripé ensino-pesquisa-extensão para a universidade pública. Porém o laboratório vem atuando também como um espaço de diálogo, inovação e compromisso social, contribuindo para a formação crítica de futuros educadores, estimulando a integração entre teoria e prática acadêmica. Sua atuação fortalece a pesquisa em ensino de História, valorizando-a como elemento essencial para a qualificação da educação superior e para a transformação social.

Como fora supracitado no decorrer deste trabalho, o LEHIST é um laboratório de atuação consolidada no Piauí. Em grande medida esse reconhecimento deve-se ao seu relevante desempenho quanto à formação dos futuros profissionais da educação, esses, a priori do campus de Picos, que veem nele um espaço acolhedor e promotor de transformação social por meio de suas atividades. Ser professor em um país como o Brasil é desafiador e poder contar com um ambiente que vai além de um espaço físico, é inspirador para alunos e também para docentes.

Portanto, o LEHIST reafirma constantemente seu compromisso social com a educação ao ser uma porta de entrada para as “entrelinhas do ensino”, como uma oportunidade de integração com colegas e professores e consequentemente, trocas de saberes e experiências. Inferindo-se marcadamente na promoção da pesquisa sobre o Ensino, com suas várias nuances que a legitimam como eficaz, por tratar de maneira

“humana” e responsável sobre a atuação em sala de aula, principalmente no chão da escola, na educação básica.

Reiteramos que iniciativas como essa fortalecem sobremaneira, o eixo catalisador da universidade pública gratuita e de qualidade: o ensino, a pesquisa e a extensão. Em termos conclusivos, desejamos que o LEHIST inspire outras universidades e fomenta cada vez mais o desejo por uma educação transformadora.

AGRADECIMENTOS

Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BARCA, Isabel. **Educação histórica: teoria e investigação**. Braga: CIED/Universidade do Minho, 2019.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- DE SOUZA, Janice Aparecida Janissek et al. Concepções de universidade no Brasil: uma análise a partir da missão das universidades públicas federais brasileiras e dos modelos de universidade. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, v. 6, n. 4, p. 216-233, 2013.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- PLATÃO. **A República (Livro VII)**. Brasília: Universidade de Brasília, 1985, p.46-51.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e o atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- SLEUTJES, Maria Helena Silva Costa. Refletindo sobre os três pilares de sustentação das universidades: ensino-pesquisa-extensão. **Revista de Administração Pública**, v. 33, n. 3, p. 99 a 101-99 a 101, 1999., Maria Helena Silva Costa. Refletindo sobre os três pilares de sustentação das universidades: ensino-pesquisa-extensão. **Revista de Administração Pública**, v. 33, n. 3, p. 99 a 101-99 a 101, 1999.